

# APPROPRIATION OF DIGITAL MEDIA AND CONSTRUCTION OF MEMES IN THE CLASSROOM: REFLECTIONS FROM AN INTERSECTIONAL PERSPECTIVE<sup>1</sup>

Juliane Silva Soares<sup>2</sup>  
Tamires Ferreira Coêlho<sup>3</sup>

**Abstract:** With the aim of reflecting on the use of digital media in activities against drug use and analyzing the process of creating memes on this topic by 6th year classes at Celina Fialho Bezerra's EMEB, in Cuiabá, the research methodology used was action research. There is relevance in understanding this impact of drugs, from the context of students in a peripheral school, and the creation of memes is a strategy that mobilizes informal language, closer to their reality. However, a collection of memes produced during the research provides an intersectional look (COLLINS, 2017; 2019; BUENO, 2020) at the emergence of representations of black men and how dehumanizing stereotypes can be associated with reflections on Law 10.639. It appears that the meme can enhance a message in an ethical and respectful way, with creativity, but it can also materially naturalize control over certain images of some social groups, which does not fail to generate important reflections in students' formation.

**Keywords:** Education; Memes; Drugs; Intersectionality; Race.

## Apropriação de mídias digitais e construção de memes em sala de aula: reflexões a partir de uma perspectiva interseccional

**Resumo:** Com objetivo de refletir sobre o uso das mídias digitais em atividades contra o uso de drogas e analisar o processo de construção de memes sobre esse tema por turmas do 6º ano da EMEB Celina Fialho Bezerra, em Cuiabá, utilizou-se a metodologia da pesquisa-ação. Há relevância em entender esse impacto das drogas, a partir do contexto de estudantes em uma escola periférica, e a elaboração de memes é uma estratégia que mobiliza a linguagem informal, mais próxima da realidade deles. No entanto, a coleta de memes produzidos durante pesquisa exigiu um olhar interseccional (COLLINS, 2017; 2019; BUENO, 2020) para a emergência de representações de homens negros e como estereótipos desumanizadores podem estar associados a reflexões sobre a Lei 10.639. Constata-se que o meme pode potencializar uma mensagem de forma ética e respeitosa, com criatividade, mas também pode naturalizar materialmente o controle sobre determinadas imagens de alguns grupos sociais, o que não deixa de gerar importantes reflexões na formação de estudantes.

**Palavras-chave:** Educação; Memes; Drogas; Interseccionalidade; Raça.

---

<sup>1</sup> Uma versão preliminar deste texto foi apresentada ao GP Comunicação e Educação do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Universidade Federal de Mato Grosso. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2090-1677>, E-mail: [julianeguinho@gmail.com](mailto:julianeguinho@gmail.com).

<sup>3</sup> Universidade Federal de Mato Grosso/ MEB Celina Fialho Bezerra. Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-7659-4270>, E-mail: [tamires.coelho@ufmt.br](mailto:tamires.coelho@ufmt.br).

## INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho foi refletir sobre o uso das mídias digitais em atividades pedagógicas contra o uso de drogas e analisar o processo de construção de memes por turmas do 6º ano da EMEB Celina Fialho Bezerra, em Cuiabá-MT a partir deste contexto. Ao utilizar memes é possível ter uma abordagem pedagógica que contemple habilidades desenvolvidas para uma educação digital que valorize o aluno, considerando que a linguagem dos memes é uma porta de entrada para novas aprendizagens, para a importância do letramento (saber ler e escrever) e do letramento digital: saber ler, escrever e entender criticamente sobre o que determinado meme está comunicando, qual é o tipo de informação e quais sentidos são acionados.

O desafio de utilizar tecnologias no cotidiano escolar perpassa a participação e colaboração do professor em adotar metodologias que favoreçam a experiência de aprendizado e melhorem a conexão dos conteúdos com a cultura digital. A formação dos professores, como fator para melhoria da qualidade da educação, cria possibilidades para a sua própria construção de conhecimentos e para um olhar crítico sobre as mídias e suas representações.

Partimos de uma concepção de que a cultura digital (ou culturas digitais, no plural) se articula a possibilidades de “usos e apropriações dos espaços virtuais feitos pelos sujeitos culturais” (Lucena, 2016, p. 282), impactadas pelo desenvolvimento e emergência de meios de comunicação, potencializando interações e produção colaborativa em detrimento da transmissão e do consumo. “[...] é pensar nesse novo sujeito, praticante cultural que pensa, produz saberes e compartilha opiniões, conteúdos e informações nas redes” (Lucena, 2016, p. 288).

“Trabalhar com as culturas digitais e com as tecnologias móveis na escola [...] pode ser pensar nesse novo indivíduo que é praticante cultural e que pensa, produz saberes e que compartilha opiniões, conteúdos e informações nas redes digitais” (Lucena; Oliveira, 2014, p.42). Simultaneamente, não se pode lançar um olhar ingênuo sobre essas mudanças culturais, uma vez que, como lembram Natansohn, Brunet e Paz (2011, p. 2), “os ideais de horizontalidade, descentralização e democratização prometidos durante as primeiras experiências no ciberespaço e a digitalização da cultura, esqueceram que as relações de poder não são externas ao desenvolvimento tecnológico”, o que implica desigualdades e exclusões, já que há sujeitos privilegiados e opressões direcionadas nas práticas digitais.

Nesse sentido, “as mídias são ferramentas sociais para a produção de atenção, mas o recurso verdadeiro é a capacidade da mídia em controlar como a informação é representada” (Hjarvard, 2014. p. 40), o que pode envolver processos de (re)produção de estereótipos, como veremos posteriormente. Efendy Maldonado explica que há uma articulação do campo midiático com os demais campos:

A *mediatização* estruturada pelos processos histórico/econômicos/políticos geram formas de vida social e culturas específicas que constroem modelos, nos quais o campo midiático tem um lugar estratégico na configuração das sociedades contemporâneas. Ele possui a característica de atravessar todos os outros campos, condicioná-los e adequá-los as formas expressivas e representativas da mídia (Maldonado, 2002, p. 6, grifo do autor).

Considerando que os alunos já possuem saberes prévios sobre drogas e acesso a representações midiáticas sobre o tema, estimular a produção de memes se relaciona ao direito do estudante de participar ativamente de processos de produção de sentido na sociedade. Para esta pesquisa, cujas atividades de intervenção e produção de memes foram realizadas em dezembro de 2021, o público foi composto por estudantes de três turmas dos 6º anos, com cerca de 28 alunos cada, e idade entre 12 e 13 anos. Não houve sugestão prévia de aproveitamento de imagens da internet. Das turmas participantes, foram recebidos 28 memes, dos quais 6 foram selecionados para este artigo e não terão autoria identificada.

Como metodologia utilizou-se a pesquisa-ação (Franco, 2005), com o objetivo específico de entender o impacto do tema drogas a partir do contexto desses estudantes. Para a realização da atividade, organizou-se, durante dois dias seguidos, uma dinâmica de diálogo com os alunos (cerca de 30 minutos diariamente) sobre o que eram memes, como eram feitos e para quais finalidades são utilizados, além de debater o que pensavam sobre drogas, sugerindo a elaboração dos memes com esse assunto. Foi proposto aos estudantes que cada um pudesse criar e compartilhar as produções em um grupo de WhatsApp, além da proposta de uso da ferramenta online Meme Generator<sup>4</sup>.

[...] pesquisa-ação pode e deve funcionar como uma metodologia de pesquisa, pedagogicamente estruturada, possibilitando tanto a produção de conhecimentos novos para a área da educação, como

---

<sup>4</sup> Disponível em: <https://imgflip.com/memegenerator>

também formando sujeitos pesquisadores, críticos e reflexivos (Franco, 2005, p 19).

Após o recebimento dos memes criados e de comentários sobre a produção, pudemos analisar o que eles pensam, em que medida conheciam drogas e de quais tipos de drogas tinham conhecimento. Foi interessante descobrir o que eles sabiam sobre o assunto: que as drogas (maconha e cocaína) eram proibidas; que alguém poderia ser preso em função delas; que bebida (ou “pinga”) e remédios eram drogas permitidas e vendidas a pessoas maiores de idade.

Em um primeiro momento, foi indagado aos estudantes se sabiam o que era meme. Embora tenham respondido que sim, ao serem indagados sobre quem já tinha feito algum meme, apenas alguns se manifestaram. Explicou-se aos estudantes que a professora estava fazendo uma pesquisa para conclusão da pós-graduação e que gostaria do auxílio deles na produção de memes. Alguns ficaram espantados quando entenderam que a professora estudava, movimento permanente na educação, já que, segundo Freire (1996, p. 19), “Ensinar exige a corporeificação das palavras pelo exemplo”, ou seja, estamos no mesmo lugar deles, o de aprendizes.

## MÍDIAS DIGITAIS E POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS

A partir da leitura de hooks (2013), podemos entender que o professor engajado com a sala de aula é capaz de criar novos hábitos, novas práticas, desenvolver novas habilidades juntamente de seus alunos. No que se refere às práticas pedagógicas, temos de intervir para alterar a estrutura pedagógica existente e ensinar os alunos a escutar, a ouvir uns aos outros, tendo a sala de aula como um espaço seguro, de liberdade, de aprendizado, em que os alunos podem participar, se sentir parte do espaço da sala de aula, bem como da sociedade em constante transformação (hooks, 2013).

As mídias digitais, ferramentas de tecnologia da informação, “[...] e o ambiente criado a partir de suas conexões, estão articulados com a vida humana – no que ela tem de mais sublime e mais complexo” (Martino, 2015, p. 9), impactando o ensino e a formação dos alunos. No contexto da escola desta pesquisa, o ensino ainda é pensado com tendências muito analógicas, na materialidade do livro físico, em “pegar e abrir” o livro didático, muito mais que nas ferramentas digitais. Os estudantes desta geração abordada já nasceram no contexto digitalizado, com acesso à tecnologia desde cedo. Se a escola ainda é um

lugar de linguagem mais analógica que digital, em detrimento dos espaços fora da escola, em que tudo está funcionando fortemente no digital, são geradas tensões no ambiente escolar. Como diz hooks (2013, p 197), “a educação como prática da liberdade não tem a ver somente com um conhecimento libertador, mas também com uma prática libertadora na sala de aula”, por isso a importância de entender as possibilidades dessas mídias na educação.

Entendemos, assim como Freitas, que letramento digital é

[...] o conjunto de competências necessárias para que um indivíduo entenda e use a informação de maneira crítica e estratégica, em formatos múltiplos, vinda de variadas fontes e apresentada por meio do computador-internet, sendo capaz de atingir seus objetivos, muitas vezes compartilhados social e culturalmente. (2010, p. 339-340).

É importante que nossos estudantes saibam que o letramento digital vai muito além de dominar a leitura e escrita no celular, notebook etc., indo além de conhecimento técnico e instrumental. Ele auxilia na compreensão sobre o conteúdo ali explorado, de forma a analisar a informação crítica e eticamente, colaborando para que possam aprender a manusear a web, criar e filtrar conteúdos consumidos nas mídias digitais, consumir produtos e colaborar na formação responsável de ideias.

As mídias e plataforma digitais, incorporadas na prática educativa, podem constituir um caminho a partir do qual se vislumbre construir conhecimentos no processo de ensino aprendizagem. Na educação, a cultura digital em sala de aula é apontada pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) na competência geral para:

Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva (Brasil, 2017. p. 9).

Essa habilidade reafirma a necessidade atual de criar novas práticas educativas, em como é relevante nos adequarmos para uma escola inclusiva e democrática. No entanto, muito além dos dispositivos que viabilizam determinadas práticas, a BNCC reconhece nos estudantes potenciais

“protagonistas da cultura digital”, destacando aspectos como multimídia e agilidade, bem como admite que

[...] essa cultura também apresenta forte apelo emocional e induz ao imediatismo de respostas e à efemeridade das informações, privilegiando análises superficiais e o uso de imagens e formas de expressão mais sintéticas, diferentes dos modos de dizer e argumentar característicos da vida escolar (Brasil, 2017, p. 57).

A implementação de novas práticas educativas em meio às transformações digitais exige também atenção a essas estratégias que privilegiam o imediatismo e a efemeridade, reconhecidas pela BNCC como problemáticas e como impeditivas do pensamento crítico, conseqüentemente obstaculizando a luta contra o racismo, uma vez que boa parte das práticas que o sustentam residem justamente na naturalização das desigualdades, assim como em mecanismos de invisibilidade e de justificativa deste crime em vários níveis. Não estamos definindo a priori como superficiais as culturas digitais, mas levando em consideração outras temporalidades envolvidas nos processos comunicativos e de ensino aprendizagem na escola, lugar decisivo para a inclusão digital conforme a própria BNCC. “Ao aproveitar o potencial de comunicação do universo digital, a escola pode instituir novos modos de promover a aprendizagem, a interação e o compartilhamento de significados entre professores e estudantes” (Brasil, 2017, p. 57).

É preciso mesclar os recursos a serem utilizados para que o aluno consiga desenvolver as habilidades e competências necessárias na formação para a vida. Ao se aproximar do cotidiano e de uma linguagem (como o meme) presente na vida de estudantes, é possível que eles desenvolvam várias habilidades e competências relacionadas aos letramentos digitais, além de apresentar uma prática libertadora, “quando a sala de aula é realmente engajada, ela é dinâmica. É fluida. Está sempre mudando” (hooks, 2013, p. 207), o uso de ferramentas e atividades criativas e inovadoras certamente pode melhorar a qualidade do aprendizado na sala de aula.

Os processos de mediação, para além das habilidades com recursos e dispositivos digitais, também impactam as fronteiras (geográficas, simbólicas e de territorialidades múltiplas). “A flexibilização de fronteiras geográficas e culturais, principalmente a partir do processo de mediação digital, nos leva a refletir também sobre aspectos relativos à convivência intercultural potencializada por esse processo” (Coelho, 2014, p. 27). Os memes, como veremos a seguir, podem

delimitar ou diluir fronteiras físicas e/ou culturais, aproximando ou distanciando pessoas de repertórios culturais e simbólicos distintos a depender do que é posto como referência e de suas possíveis interpretações.

## MEMES EM SALA DE AULA

O meme pode surgir a partir de uma imagem, música, vídeo ou uma palavra que se popularizou na internet por ser engraçada, como exemplo de transmissão cultural humana, utilizando geralmente a ironia nessa linguagem. Conforme Martino (2015, p. 177, grifo do autor), “ao que tudo indica, a palavra ‘meme’ foi usada pela primeira vez, no sentido atual, pelo cientista britânico Richard Dawkins em seu livro *O gene egoísta*, de 1976”, é uma palavra de origem do grego antigo, que significa imitação ou “aquilo que pode ser imitado”. O meme possui então uma ideia de síntese como, por exemplo, para uma notícia engraçada, contar uma história levando em consideração os conhecimentos prévios dos que vão ter acesso a ele.

Chagas (2021), em uma revisão sistematizada do conceito e da materialidade/fenômeno emergente que habita as plataformas de redes sociais na internet, discorre sobre seu aspecto imitativo e sobre definições que abordam a circulação digital entre diferentes pessoas, mas reconhece que ainda temos dificuldades conceituais e de delimitação dos memes. Se é uma linguagem tão importante e presente entre gerações mais jovens, concordamos que “nunca foi tão importante investigar e compreender esse fenômeno” (Chagas, 2021, p.14) e, para isso, se faz necessário um diálogo, na interface entre Comunicação e Educação, com essa juventude, bem como observar o que tem sido produzido e compreendido como meme.

Baseando-se em Ferrari (2020, p. 88), podemos considerar “meme como um vírus que infecta nossas ideias, nosso comportamento, formando nossa cultura”. Por outro lado, o que se denomina como meme e como virais são diferentes, em que os virais são entendidos como a forma original de uma determinada mensagem e o meme como uma versão modificada de inúmeras formas no processo de replicação, ou seja, os virais seriam imutáveis e os memes evoluiriam. O meme tem a capacidade de demonstrar criatividade, crítica, pensando positivamente no uso dos memes para esclarecer informações e construir conhecimento, abrindo margem para diversas apropriações culturais do conteúdo de origem. A produção de memes está em evidência em nossa cultura e em nossas redes sociais. Escrevemos mensagens com eles, imagens com

legendas, frases e palavras, além de serem difundidos com a mídia, em grandes canais de TV ou campanhas publicitárias.

Vale ressaltar que memes desempenham um forte potencial de objeto de aprendizagem na cultura digital de nossos estudantes, possuindo a característica de se consolidar na memória coletiva dos indivíduos, ou seja, é um fenômeno popular, sem grandes preocupações de padrões estéticos ou textuais, tendo em sua linguagem para comunicação o sarcasmo, humor e ironia,

Essas produções são conteúdos que recombina elementos que carregam uma potência subjetiva que possibilitam também novas experiências de aprendizagem em quem se apropria do seu conteúdo, uma vez que, são sempre decifrados por intermédio da interpretação e tradução do seu significado que se dá mediante a aproximação e associação a outros contextos. (Oliveira, 2019, p. 3).

Memes são, no contexto comunicacional, produtos passíveis de produção e reprodução de conteúdo, ou seja, são uma construção compartilhada de sentidos, significados e subjetividades, e conseqüentemente também de aprendizagem. Pensando neles como replicadores de mensagens, podemos então, constituir o meme envolvido em uma prática de aprendizagem em potencial. No entanto, os memes são objetos de aprendizagem que exigem um olhar crítico sobre o que está acontecendo na “rede”.

Associado às atividades em sala de aula, para entender o meme, é necessário o exercício da leitura, tradução e interpretação, portanto já é configurada aí uma atividade de aprendizagem. A partir da leitura de Silva (2020), podemos entender que há uma possibilidade de novos letramentos dos estudantes, e não somente de leitura e escrita, mas de novos tipos de aprendizagem, de leitura crítica em diferentes formatos, por vídeos e imagens. Ler um meme é uma forma de aprender, de significar o mundo e a própria cultura digital que se apropria do meme, de engajamento em novos discursos e novas aprendizagens.

Ao utilizar o meme como uma alternativa de mudança de prática pedagógica, o docente consegue se comunicar, dialogar com turmas usando a linguagem que alunos utilizam. Neste contexto é possível associar a mídia digital à mudança social. Esta provocação ajuda o aluno a saber fazer uma leitura crítica das informações a que tem acesso.

Silva, Botelho e Ferreira (2020, p. 1) explicam que o gênero meme “é uma manifestação cultural que tem recebido destaque nos últimos tempos na internet” e que, ao abordar questões sociais, possibilita uma leitura crítica do mundo. Levando em consideração as potencialidades do meme em sala de aula, ele possibilita ao estudante incentivo à aprendizagem, além de auxiliar no processo formativo do professor, que ensina e aprende na interação, é feita uma relação dialógica com seus estudantes, podendo então construir conhecimentos, reafirmando a ideia dos trabalhos com meme em sala de aula através de Silva, Botelho e Ferreira (2020, p. 3), que dizem que “o trabalho com memes em sala de aula permite desenvolver um ensino pautado na dialogicidade e na dialética que se estabelece entre uso e reflexão”, portanto, é possível perceber os próprios estudantes como construtores de conhecimentos, capazes de maior interatividade em seu meio e na sociedade, além de sujeitos de aprendizagem.

## MEMES, DROGAS E A FIGURA DO HOMEM NEGRO

Ao receber as produções dos estudantes, foi possível observar que todos os memes recebidos sobre drogas com apropriação de fotografias são relacionados à figura masculina e chama atenção a racialização dos personagens eleitos: homens negros. Isso nos faz pensar sobre o motivo de o gênero masculino estar ligado à questão da droga, por outro lado vemos que há uma conexão do imaginário desses estudantes que vincula homens negros à temática das drogas, reproduzindo ou articulando-se ao é visto na TV, na internet, no jornalismo em geral. A sociedade, ao relacionar o uso das drogas às pessoas negras, as elege como referências de marginalização, fortalecendo os estereótipos do senso comum que vinculam drogas também à população masculina. É possível ver isso até mesmo nos livros didáticos. Como diz Hjarvard,

Apesar da discrepância entre a representação da mídia e a realidade, a mídia jornalística e a opinião pública influenciam o mundo real; mesmo se as percepções do mundo não correspondem à realidade, elas podem ter consequências reais, já que humanos agem de acordo com suas percepções do mundo, não a partir de um insight absoluto da verdade sobre o mundo (2014, p. 2).

Lélia Gonzalez, ao falar de “articulação entre as categorias de raça, classe, sexo e poder”<sup>3</sup> (2020, p. 47), já pensava décadas atrás a partir de um olhar interseccional na construção de relações de poder para além das bases

---

<sup>3</sup> Texto originalmente publicado em 1988.

eurocêntricas e patriarcais, atrelando sexismo, racismo e classismo (Cardoso, 2015). Partimos de uma perspectiva interseccional, considerando o funcionamento da sociedade e de suas possibilidades estruturais de poder (e de dominação) a partir da imbricação mútua de privilégios e opressões (Falquet; Kian, 2015) que afeta a vida das pessoas em sociedade e resvala na construção de representações midiáticas. “Mutuamente, a construção de sistemas de poder produz distintos lugares sociais para indivíduos e grupos dentro deles” (Collins, 2017, p. 11).

O conceito de interseccionalidade popularizado por Kimberlé Crenshaw se associa às múltiplas relações de poder que se entrecruzam para invisibilizar as mulheres negras enquanto sujeitas de direito nos Estados Unidos (Bacchetta, 2015, p. 127-128), questionando a abordagem das desigualdades a que elas eram expostas apenas a partir das variáveis raça ou gênero. O olhar interseccional exige sensibilidade para reconhecer os privilégios que nos situam socialmente, bem como as situações de desvantagem que nos posicionam (ou não) como sujeitos. Ainda que a perspectiva interseccional tenha surgido e se consolidado por meio dos movimentos feministas negros, dentro e fora dos espaços acadêmicos, ela não só amplia as possibilidades de análise de mulheres diversas, em suas complexidades, mas também é adequada para analisar outros grupos sociais, contextualizados e em perspectiva.

A partir desse olhar posicionado, em que a experiência de ser negro é atravessada pela raça e a experiência de ser homem é atravessada pelo gênero, impossíveis de serem isoladas uma da outra, vale ressaltar que nem toda representação é um estereótipo. Para Hall, estereótipos se vinculam ao imaginário, tanto ao que é fantasiado quanto ao que se concebe com “real”, ecoando no não dito, o que está implícito e enredado por relações de poder (Hall, 2016). Patrícia Hill Collins traz à discussão o conceito de imagens de controle, que desumaniza para justificar opressões sobre aquele grupo estereotipado (Collins, 2019). Ainda que não sejam reais, essas imagens “são a dimensão ideológica do racismo e do sexismo compreendidos de forma simultânea e interconectada”, controlam as possibilidades de representação de grupos socialmente subalternizados e se atualizam à medida que os sistemas de opressão também adquirem novas características (Bueno, 2020, p. 73).

A vinculação do homem negro agressivo e/ou vinculado ao tráfico de drogas é uma dessas imagens de controle que parte de binarismos. Quando o jornalismo e outras mídias, como os memes, articulam homens negros à violência,

agressividade ou virilidade sexual exacerbada, de forma desumanizadora, percebemos mais explicitamente a naturalização dessas imagens controladoras, em que o homem negro sempre tem atrelado a si algo de ruim, e já permeando o imaginário desde a infância e adolescência, afetando a vivência escolar e a identidade até a fase adulta.

Abre-se o jogo das diferenças: feio/bonito, bom/ruim, superior/inferior - um jogo em que o negro já entra na condição da inferioridade marcada pelos estereótipos que relegam aos estudantes negros a periferia da sala de aula, da escola, no bairro. As experiências de racismo na escola, não dizem respeito somente às relações entre os estudantes, adentram as relações professor-aluno que imprimem, a nosso ver, marcas mais profundas na identidade das crianças e jovens negros. (Araújo; Carrijo, 2022, p. 11).

A racialização da figura masculina vinculada às drogas nos leva a pensar em como as imagens de homens negros estão sendo vistas por esses estudantes e a responsabilidade da mídia neste quesito. Representações desumanizadoras do “homem negro como instintivo e violento” (Conrado; Ribeiro, 2017, p. 88) controlam, restringem suas possibilidades e justificam a violência contínua contra esse grupo social, que é alvo de genocídio e encarceramento massivo em nosso país. Além disso, muitas vezes circulam sem que a gente consiga prever o seu alcance, atravessam o imaginário, visto que as figuras eleitas como personagens para os memes não se restringem a referências de acordo com a faixa etária dos estudantes. Existe a possibilidade de que, ao criar o meme, eles tenham escolhido aleatoriamente homens negros e isso se complexifica ainda mais quando se pensa em uma unidade escolar periférica de uma capital majoritariamente racializada. Há a possibilidade de uso de pessoas negras com uma perspectiva de autorreconhecimento, sobretudo na figura 2, mas ela traz outra questão também problemática como discorreremos a seguir.

Figura 1 - Meme 1 produzido por estudante  
olha na onde a droga  
leva vc pro um mal  
camimho fica a dica  
nunca use droga



Fonte: Reprodução de Imagem enviada pelo WhatsApp.

Figura 2 - Meme 2 produzido por estudante



Fonte: Reprodução de Imagem enviada pelo WhatsApp.

Para os memes das figuras 1 e 2, a primeira referência é Mekhi Phifer<sup>6</sup>, ator norte-americano, e a segunda é o ator Kayode Ewumi<sup>7</sup>, protagonista de um falso documentário. Este último frame (imagem a partir do vídeo) que deu origem ao meme surgiu em um episódio publicado pela BBC Three no Youtube em 1º de junho de 2016.

Ao pensar sobre estes memes, os alunos podem ter uma valorização de conselhos de pessoas de seu convívio, ou de vínculo familiar, pois foram criados por estudantes negros. Podem também ter se identificado com o perfil do personagem escolhido, podendo ter achado interessante um homem com cigarro para construção da mensagem (Fig. 1), pois a frase deste meme aconselha “olha na onde a droga leva vc pro um mal caminho fica a dica nunca use droga”, e há a expressão do personagem pensando, com aborrecimento, sobre as decisões que já tomou ao usar drogas.

Na figura 2 podemos pensar que a referência de uso de drogas de quem fez o meme também é de homens de sua identidade racial. Este personagem de um falso documentário pode ter sido escolhido pensando na figura masculina negra, em que a pessoa que fez a atividade pode não conhecer a origem da imagem, já que houve anteriormente uma viralização com o meme a partir deste frame. Com a viralização de imagens, não há controle de onde vão chegar, nem que poderiam chegar a ser usadas para fazer este trabalho com jovens em uma escola, por exemplo.

Se, por um lado, na primeira figura, aparece um homem negro que supostamente teria aderido ao uso de drogas, sendo representativa dos efeitos deste uso e com um conselho supostamente proveniente da contemplação de um exemplo ruim (mal caminho), naturalizando a relação entre uso de drogas e homens negros, e conseqüentemente a imagem de controle do homem negro instintivo e violento, a segunda imagem oferece outra perspectiva. Na figura 2, ainda que também haja um aconselhamento, que contrapõe o uso de drogas à inteligência, o semblante do homem negro traz um sorriso e um olhar direto para quem visualiza o meme, sinalizando que ele é esperto, inteligente e não usa

---

<sup>6</sup> A imagem traz o ator estadunidense Mekhi Thira Phifer atuando na série televisiva Bobby Brown Story, de 2018, em que interpreta o personagem Tommy Brown.

<sup>7</sup> “Como explica a enciclopédia de memes Know Your Meme, este personagem apelidado de Roll Safe (algo como ‘tome cuidado’) é o protagonista de um falso documentário chamado Hood Documentary (‘documentário de bairro’), obra do ator e roteirista britânico Kayode Ewumi. A série, criada com seu amigo Tyrrell Williams, começou primeiro em Vine para depois passar, em um formato maior, ao YouTube e à BBC” (Hancock, 2017, online).

drogas. Com a composição imagética que envolve o uso do casaco de couro e o relógio dourado, há uma mensagem positiva de que a ausência das drogas se vincularia também a uma ascensão econômica. No entanto, temos uma questão de fundo, implícita, que pode remeter à meritocracia: se você for inteligente e não usar drogas, você vai ascender (ao menos, financeiramente). Os indícios de meritocracia associados à figura de um homem negro geram um apagamento do racismo e de outras opressões de caráter estrutural e estruturante de nossa sociedade que se materializam de diversos modos como obstáculos a uma vida digna de jovens homens negros, o que também impacta na justificação de violências contra essa população por meio das imagens de controle.

De acordo com a ideologia racista, a submissão supremacista branca do homem negro foi necessária para conter a imagem de besta desumanizada. [...] Homens negros que rejeitam estereótipos machistas racistas ainda precisam lidar com a imposição de qualidades que não têm relação com sua experiência de vida. Por exemplo: um homem negro que é escrupulosamente honesto pode ter de lidar com colegas de trabalho tratando-o com suspeita, porque eles veem todos os homens negros como vigaristas disfarçados. Homens negros não violentos encaram, todos os dias, um mundo que os vê como violentos (hooks, 2022, p. 110-111).

Nas figuras 3 e 4, a seguir, vemos a imagem de Aubrey Drake Graham, conhecido por seu nome artístico, Drake: rapper, cantor, compositor, produtor musical, ator e empresário canadense, não sendo um artista brasileiro, porém sendo referência para os memes. “Hotline Bling”<sup>8</sup>, sucesso musical lançado em 2015 por Drake, se tornou também emblemático pelo potencial de replicabilidade de imagens com movimentos do cantor no videoclipe, sustentando diversos memes (a exemplo da atividade feita com estudantes) e começando o fenômeno que se convencionou a chamar, nas plataformas de redes sociais, de “Drakeposting”. Isso levou inclusive a reflexões e análises como a de Afifah e Sari (2020) sobre o gesto como linguagem nos memes, focando especificamente na apropriação do Drakeposting.

É importante relatar que a professora proponente da atividade sequer conhecia esta figura referenciada nos memes, o que acabou abrindo portas para

---

<sup>8</sup> Hotline Bling é uma música cujo videoclipe já tinha quase 2 bilhões de visualizações no YouTube em 30/11/2023, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uxpDa-c-4Mc>. É dirigido por Director X, produzido por Evan Landry e editado por Laura McMillan, além de reconhecido como um dos maiores sucessos do cantor canadense.

outras referências que os estudantes tinham, possibilitando lançar mão disso no futuro para engajar, chamar atenção dos alunos, de forma que o repertório de conhecimento se amplie a partir das imagens mencionadas.

Figura 3 - Meme 3 produzido por estudante



Fonte: Reprodução de Imagem enviada pelo WhatsApp.

Figura 4 - Meme 4 produzido por estudante



Fonte: Reprodução de Imagem enviada pelo WhatsApp.

Na figura 3, ao utilizar a imagem do rapper em que sua linguagem corporal parece estar dispensando estímulos sobre “viver amarrado nas drogas”, com expressões faciais tristes ou de recusa, há um contraste com a imagem abaixo, em que ele estaria feliz sem as drogas em sua vida, legitimando esta mensagem.

[...] a midiatização reflete a nova condição da importância intensificada e em transformação da mídia na cultura e na sociedade. Ela denota os processos pelos quais a cultura e a sociedade tornam-se cada vez mais dependentes dos meios de comunicação e sua lógica como mídia integra-se em práticas culturais e sociais em vários níveis. (Hjarvard, 2014, p. 6).

Hjarvard nos ajuda a compreender como a midiatização influencia no imaginário de estudantes, aceitando, sem muitas vezes refletir sobre as referências a que estão tendo acesso, os estereótipos da televisão, das redes sociais, camuflando muitas vezes uma visão preconceituosa e negativa da negritude e do homem negro. No entanto, há também que se lançar um olhar crítico sobre quais ferramentas a escola tem usado para oferecer contrapontos e reflexões críticas nesse sentido.

Vemos, neste contexto, até mesmo no uso da palavra “amarrado” no meme da figura 3, ser possível compreender que o verbo “amarrar” está relacionado à conotação de vício, uma mensagem no sentido figurado para representar que quem usa drogas se prende a isso. Quem elaborou a imagem conseguiu entender que é preciso uma linguagem mais informal para construir um meme.

Já na figura 4, é importante observar que as mensagens deixaram de ser representadas por frases e foram substituídas por outras imagens, o que pode remeter, conforme a BNCC, a formas mais sintéticas de se expressar. Ao observar a mensagem no meme, podemos pensar o uso de drogas, armas, tráfico, dinheiro fácil relacionados à expressão facial de sofrimento ou recusa e, na imagem seguinte, podemos pensar sobre o estudo trazer realizações de sonhos e de dinheiro também, sendo uma alternativa de ascensão social. Mais uma vez, o discurso meritocrático aparece sugerindo que, ao estudar e se graduar, o jovem negro e periférico pode ascender social e financeiramente, que seria uma “escolha individual” e não um produto de opressões coletivas diversas que se afetam mutuamente, que não é necessário o envolvimento com drogas e armas (como seria suposto, reforçando a imagem de controle supracitada do homem negro instintivo, perigoso e que infringe leis). Vale ressaltar ainda que o sucesso está ligado a notas de moedas do Norte Global, dólares (Estados Unidos), euros

(Europa) e libras esterlinas (Reino Unido), evocando territorialidades coloniais discursivamente vinculadas a um ideal de sucesso sustentado pela branquitude (Sovik, 2009).

Figura 5 - Meme 5 produzido por estudante



Fonte: Reprodução de Imagem enviada pelo WhatsApp.

Figura 6 - Meme 6 produzido por estudante



Fonte: Reprodução de Imagem enviada pelo WhatsApp.

Nas figuras 5 e 6 são utilizadas as mesmas imagens na construção do meme, do personagem vilão Gru, um bandido nas animações “Meu Malvado Favorito”<sup>9</sup>, vilão que fica bonzinho no final do filme, pois ganha uma segunda chance, uma nova oportunidade para mudar seu comportamento, a partir do afeto de crianças, bagunçando códigos de masculinidade hegemônicos (de durão a sensível, de indiferente a atencioso, de malvado a uma pessoa boa e responsável). Pensando sobre estes dois memes com o vilão Gru, podemos depreender que uma pessoa que já usou ou usa drogas pode ter uma segunda chance, uma nova oportunidade para mudar de vida. Vale destacar também que a escolha do personagem aponta para um produto cultural que se distancia da concepção tradicional de família no Brasil, mas que, ao contrário da maioria das famílias, chefiadas por mães solo, tem uma figura paterna solo como “chefe” e vários seres amarelos “agregados”, os minions.

Nestes memes é possível observar que a cada expressão de Gru temos uma frase de impacto direto, com informações como: pode matar, perigo, faz mal e novamente aparece “ficar amarrado”. Além de uma linguagem informal e concisa, as mensagens são diretas, sem muita utilização de ironia e sarcasmo, características importantes do meme. Por outro lado, percebe-se o uso desse linguajar localizado, que identifica quem e de onde fala por meio do meme, simultaneamente à escolha de expressões diretas e assertivas provenientes da figura paterna solo da narrativa, com uma tendência ao uso do imperativo, em que tanto o vilão da narrativa quanto o estereótipo do homem branco se encontram no ato de “ordenar” algo. O vínculo deste quase-vilão com as drogas se complexifica à medida que ele é também uma espécie de anti-herói, humanizando a pessoa que estaria no “mal caminho”.

Ainda que o meme possa ser uma estratégia pedagógica potente, a atividade convida a refletir sobre a Lei 10.639 e sobre como ela tem sido apropriada nesse ambiente escolar. Se uma lei em que se prevê a inclusão de História e Cultura Afro-brasileira e Africana nas escolas convive com reproduções de imagens de controle de homens negros, talvez seja necessário repensar as estratégias de ensino, já que

A escola deixa marcas nas identidades daqueles que passam por seus bancos. Para jovens negros e negras elas são naturalizadas como registro de um processo, que dito civilizatório, promove o

---

<sup>9</sup> As imagens são retiradas da animação “Meu Malvado Favorito” (2010), da Universal Studios e da Illumination Entertainment, dirigido por Pierre Coffin e Chris Renaud, em que Gru é o protagonista.

distanciamento da cultura dos povos africanos e o cerceamento de seus corpos comprometendo a compreensão das estruturas que mantem negros e negras em condições desiguais de vida e trabalho. [...] na escola, há um processo impositivo de construção ou formatação de identidades. Mas entendemos que isso reverbera de modo diferente nas trajetórias dos jovens negros e negras que expressam como prova da “maturação” esperada o esquecimento de suas tradições, ancestralidade e corpos. (Araújo; Carrijo, 2022, p. 1; 4).

Partindo de uma concepção de educação posicionada, de base freireana, “não há neutralidade em seus ritos, currículos e práticas. Por isso é que ela incide sobre as identidades estabelecendo de modo mais ou menos sutil os parâmetros para a aceitação, a valorização de certos corpos, condutas e saberes no tabuleiro social” (Araújo; Carrijo, 2022, p. 5). A masculinidade negra retratada nas composições meméticas, limitada, controlada, criminalizada, ou cooptada pela meritocracia, pode ser indício da falta de abordagem das questões raciais e de gênero de forma crítica no ambiente escolar, para além de datas específicas e comemorativas, ou de uma prática insuficiente frente a estímulos midiáticos baseados em imagens de controle que articulam gênero, classe e raça. A análise de memes produzidos por estudantes pode apontar para falhas em alguns debates feitos em âmbito escolar.

Homens negros não podem, a partir de um entendimento interseccional da legislação, ser trazidos na condição de “outro”, assim como mulheres racializadas, pessoas fora da heteronorma e dos padrões tidos como “típicos”, sobretudo nas unidades escolares públicas.

Para reconhecer a igualdade aos que têm sido historicamente subalternizados, é preciso redescrever a realidade, rever os marcos epistêmicos sobre os quais se apresentam os mundos, as identidades, os modos de vida. É necessário transformar a grade pela qual se olha e pela qual se aprende a pensar. É importante mostrar que outras configurações [...] são vidas possíveis. (Oliveira; Diniz, 2014, p. 253).

“[...] os materiais didáticos distribuídos pelo Ministério da Educação (MEC) [...] compõem modos de representação da vida, ensinando a ver, sentir e pensar”, e precisam ofertar “condições para o reconhecimento da diversidade e para combater os vários modos de hierarquização e precarização da vida” (Oliveira; Diniz, 2014), não apenas em âmbito racial, como propõe a Lei 10.639, mas em uma perspectiva interseccional de fato. Por outro, ainda que a EMEB Celina

Fialho Bezerra tenha atividades, sobretudo feitas em novembro, aludindo ao Dia da Consciência Negra, de produção de cartazes, apresentações culturais e outras iniciativas ressaltando a necessidade de respeito às pessoas negras, percebe-se, em atividades como a produção de memes sobre drogas, que há ainda muito a ser desestabilizado quanto às imagens de controle. Há muitos desafios para que escolas periféricas sejam lugares propícios à emergência do protagonismo e da autodefinição de crianças racializadas.

Ainda que dialoguemos de forma mais intensa com elementos da cultura digital no universo escolar, Mesquita e Pinheiro (2020) concordam com Braga e Calazans sobre existirem aprendizagens midiáticas em âmbito escolar que “contribuem para o distanciamento da formalização do aprender, aproximando-se mais do saber cultural em que nem sempre o sujeito percebe o porquê ou como foi incorporado o conhecimento” (Mesquita; Pinheiro, 2020, p. 210). Isso se relaciona não apenas aos memes, mas também à forma de encarar a diversidade racial no cotidiano escolar e aos elementos de cunho racista que compõem estrutural e epistemicamente (Nogueira, 2014) nossas instituições educacionais, onde ainda estão invisibilizadas produções africanas e afrodiáspóricas. Na busca de uma educação antirracista, as tradições africanas devem ser atualizadas, percorridas, desdobradas e integrar o currículo de forma efetiva (Nogueira, 2014, p. 84), desmarginalizando produções.

## CONSIDERAÇÕES

O uso das mídias digitais para elaboração dos memes surge como estratégia para favorecer uma aprendizagem mais efetiva sobre diversos temas, além de auxiliar no desenvolvimento das habilidades de estudantes junto à cultura digital, podendo torná-los protagonistas na construção de conhecimento. Utilizar o meme com intencionalidade educativa faz com que o aluno possa desenvolver habilidades para uma leitura crítica do mundo, seja construtor de conhecimento e produtor de conteúdo, sabendo decifrar as imagens e a mensagem através delas. É necessário entender a mensagem para saber diferenciar notícias de publicidades, se é opinião ou desinformação, humor ou preconceito, agindo com ética nesses espaços virtuais. A atividade de produção/composição imagética em si pode se desdobrar em debates potentes e na desnaturalização de preconceitos.

Quem exerce a docência tem um papel importante de oferecer novos caminhos para aprendizagem. Ao utilizar os memes como estratégias, pode haver um impulso para reflexão quanto a algum conteúdo, utilizando assim uma

linguagem que faz sentido para o aluno, de forma que estudantes se sintam participantes neste processo. Outra finalidade é de fazer pensar, compreender o assunto, como proposto na atividade sobre drogas, e de se abrir à possibilidade de desdobramento em outros debates que mobilizem a atenção dos docentes. O meme, então, pode potencializar uma mensagem de forma ética e respeitosa, com criatividade, mas também pode naturalizar materialmente o controle sobre determinadas imagens de alguns grupos sociais, o que não deixa de gerar importantes reflexões na formação de estudantes.

A partir de um olhar interseccionalmente situado, enxergamos o meme, como um gênero/linguagem apropriado por pessoas transnacionalmente e, justamente por isso, vislumbramos sua capacidade de ser incorporado diversamente em sala de aula, podendo gerar até mesmo pesquisas comparativas entre grupos escolares de diferentes nacionalidades. A pesquisa-ação com memes pode originar combinações metodológicas potentes para articular diferentes culturas e contextos em relação a quem é racializado e em quais condições, fazendo emergir “o complexo de dominação transnacional” que nega possibilidades de cidadania para pessoas negras (Bueno, 2020) em boa parte do planeta.

Nos memes analisados vale observar que algumas habilidades ainda precisam ser desenvolvidas como identificar formas de representação linguística, leitura e interpretação na construção de sentido da ironia, humor e sarcasmo. As mensagens foram de linguagem direta, ação e nem sempre as mensagens são diretas no meme. O letramento digital ajuda neste processo de aprendizado, mas há que se investir também em letramento racial, sobretudo diante do respaldo da Lei 10.639 e das sutilezas do racismo nas instituições brasileiras. Essa lei, mais que trazida burocraticamente para os conteúdos escolares, precisa ser abordada quanto às formas de comunicação utilizadas por estudantes e quanto às (in)possibilidades de representação midiática que impactam as culturas digitais.

A análise dos memes despertou reflexões sobre os desafios de uma linguagem digital na escola que favoreça a construção de habilidades como filtrar informações, produzir conteúdo e entender essa nova linguagem, reforçando que é possível abordar qualquer tema, como o das drogas, de uma maneira que o aluno entenda, aprenda utilizando as tecnologias digitais como mediadoras no processo de ensino-aprendizagem, algo previsto pela BNCC. Ao sair de sua zona de conforto, docentes podem repensar sua prática pedagógica, fazendo com que aprendizagem seja prazerosa, explorando as potencialidades e novos

conhecimentos. No entanto, a zona de conforto não está apenas no uso de dispositivos tecnológicos em si, mas também nos debates políticos (muito além dos partidários) que podem surgir a partir dessas apropriações, como é o caso das relações de poder que interseccionam marcadores como raça, classe, gênero, sexualidade e territorialidade.

## REFERÊNCIAS

AFIFAH, Nurdita; SARI, Retno Purwani. Gesture as language in drakeposting internet meme (A study of semiotics). **Proceedings Universitas Pamulang**, v. 1, n. 1, 2020.

ARAÚJO, Juliana Pereira de; CARRIJO, Valéria Landa Alfaiate. Jovens negros, a escola e a subjetivação: narrativas sobre um projeto pautado na lei 10639/03. **Revista Eletrônica de Educação**, [S. l.], v. 16, p. e5565022, 2022.

BACCHETTA, Paola. Décoloniser le féminisme: intersectionnalité, assemblages, co-formations, co-productions. **Les cahiers du CEDREF**, n. 20, 2015, Paris, pp. 125-137.

BRASIL, MEC. **Base Nacional Comum Curricular - BNCC**, versão aprovada pelo CNE, novembro de 2017. Disponível em: [basenacionalcomum.mec.gov.br](http://basenacionalcomum.mec.gov.br). Acesso em: 23 jul. 2023.

BUENO, Winnie. **Imagens de Controle: Um conceito do pensamento de Patricia Hill Collins**. Porto Alegre: Zouk, 2020.

CARDOSO, Cláudia Pons. L'intersectionnalité du point de vue du mouvement brésilien des femmes noires. **Les cahiers du CEDREF**, n. 20, 2015, Paris, pp. 57-66.

CHAGAS, Viktor. Da memética aos memes de internet: uma revisão da literatura. **BIB - Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais**, [S. l.], n. 95, 2021.

COELHO, Tamires Ferreira. **Processos comunicativos digitais e presenciais na comunidade CS POA: relações culturais/identitárias e perspectivas de cidadania comunicativa e cultural**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS. São Leopoldo, 2014.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento Feminista Negro: Conhecimento, Consciência e a Política do Empoderamento**. São Paulo: Boitempo, 2019.

COLLINS, Patricia Hill. **Se perdeu na tradução?** Feminismo negro, interseccionalidade e política emancipatória. Parágrafo: Revista Científica de Comunicação Social da FIAM-FAAM, v. 5, n. 1, p. 6-17, 2017.

CONRADO, Mônica; RIBEIRO, Alan Augusto Moraes. Homem Negro, Negro Homem: masculinidades e feminismo negro em debate. **Revista Estudos Feministas**, v. 25, p. 73-97, 2017.

FALQUET, Jules; KIAN, Azadeh. Introduction : intersectionnalité et colonialité. **Les cahiers du CEDREF**, n. 20, 2015, Paris, pp. 7-17.

FERRARI, Ana Claudia; OCHS, Mariana; MACHADO, Daniela. **Guia da Educação Midiática**. 1. ed. São Paulo: Instituto Palavra Aberta, 2020.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. Pedagogia da pesquisa-ação. Em Foco: Pesquisa-ação sobre a prática docente. *Educ. Pesqui.* n. 31, v. 3, Dez. 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREITAS, Maria Teresa. Letramento digital e formação de professores. **Educação em Revista**, v. 26, p. 335-352, 2010.

GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afro-latino-americano. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. (Org). **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020, pp. 38-51.

HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro: Ed PUC Rio, 2016.

HANCOCK, Jaime Rubio. O meme usado para dar os piores conselhos da história. *El País*, Brasil, 11 fev. 2017.

HJARVARD, Stig. Mídiação: conceituando a mudança social e cultural. **Matrizes**, v. 8, n. 1, p. 21-44, 2014.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

hooks, bell. **A gente é da hora: homens negros e masculinidade**. São Paulo: Elefante, 2022.

LUCENA, Simone. Culturas digitais e tecnologias móveis na educação. **Educar em Revista**, n.59, p. 277-290, Jan-Mar. 2016.

LUCENA, Simone; OLIVEIRA, José Mario Aleluia. Culturas digitais na educação do Século XXI. **Revista tempos e espaços em educação**, v. 7, n. 14, p. 35-44, 2014.

MALDONADO, Alberto Efendy. Produtos midiáticos, estratégias, recepção: a perspectiva transmetodológica. In: **Ciberlegenda, Universidade Federal Fluminense**, n.09, 2002.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria das Mídias Digitais: linguagens, ambientes, redes**. Petrópolis: Vozes, 2015.

MESQUITA, Naiane Gomes de; PINHEIRO, Rose Mara. Os desafios para a continuidade da Educomunicação no ensino de Campo Grande. In: OTA, Daniela; FERNANDES, Mario Luiz; FENELON, Taís Tellaroli. **Regionalidade e discursos midiáticos: mapeamento e análise em Mato Grosso do Sul**. Campo Grande: Ed. UFMS, 2020.

NAEDZOLD, Simone de Souza. COSTA, Débora Pereira Lucas. Memes: Efeitos De Sentido Nas Redes Sociais. **Revelli**, Vol. 13. 2021. Dossiê novo normal (?): artes e diversidades em isolamento. E-202129. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/revelli/index>. Acesso em: 21 Dez. 2021.

NATANSOHN, Graciela; BRUNET, Karla Schuch; PAZ, Mónica Dantas. Mulheres na Cultura Digital: perspectivas e desafios. In: **XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste**, 7, 2011, Maceió. Anais [...]. São Paulo: Intercom, 2011. p. 1-11. Disponível em: [https://gigaufba.net/wp-content/uploads/2014/09/IntercomNE\\_NatansohnBrunetPaz.pdf](https://gigaufba.net/wp-content/uploads/2014/09/IntercomNE_NatansohnBrunetPaz.pdf). Acesso em: 03 dez. 2023.

NOGUERA, Renato. **O ensino de filosofia e a Lei 10.639**. Rio de Janeiro: Pallas/Biblioteca Nacional, 2014.

OLIVEIRA, Rosana Medeiros de; DINIZ, Debora. Materiais didáticos escolares e injustiça epistêmica: sobre o marco heteronormativo. **Educação & Realidade**, v. 39, p. 241-256, 2014.

OLIVEIRA, Kaio Eduardo de Jesus. PORTO Cristiane. ALVES, André. **Memes de redes sociais digitais enquanto objetos de aprendizagem na Cibercultura**: da viralização à educação. Acta Scientiarum. Education, v. 41, 2019, Editora da Universidade Estadual de Maringá - EDUEM.

SILVA, João Miller Da; BOTELHO, Stela Mara; FERREIRA, Helena Maria. O trabalho com gênero memes em sala de aula: potencialidades para a formação do leitor. **Periferia**, v. 12, n. 3, p. 302-321, set./dez. 2020.

SOVIK, Liv. *Aqui ninguém é branco*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.

*Recebido em 31/10/2023*

*Aprovado em 11/12/2023*